

A MUDANÇA NA POSIÇÃO ESTRUTURAL DE FOCO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Mary Kato²

Resumo:

O presente capítulo é uma revisita aos estudos diacrônicos de Kato e de Kato e colaboradores sobre o PB no que diz respeito às estruturas de *Foco*, mostrando que antes do século XVIII o português fazia uso da projeção alta do *FocusP*, na periferia da sentença, e que a grande mudança estrutural relativamente a *Foco* tem a ver com a desativação desse *Focus* alto e a ativação da periferia baixa adjacente ao vP, tanto para *foco* como também para os constituintes-*wh*. Mudanças mais recentes são analisadas como processos em PF. Consideramos neste trabalho uma alternativa à cartografia, com um CP sem expansão e sem a consideração do *FocusP* na periferia do vP, mas à primeira vista, o modelo cartográfico parece dar conta melhor do fenômeno do *Foco* no Português Brasileiro.

Palavras-chaves: Foco; interrogativas-wh; Português Brasileiro(PB); diacronia; modelo cartográfico

Abstract:

This chapter reviews the previous analyses by Kato and Kato & collaborators with respect to the *Focus* position in Brazilian Portuguese, trying to show that before the 18th century Portuguese made use of the high *Focus* projection, in the sentence periphery, and that the great and only structural change with regard to *Focus* and *wh*-constituents has to do with the deactivation of this position and the activation of the low *FocusP* projection in the periphery of vP. More recent changes are shown to result from PF processes. An alternative to the cartographic perspective was considered, with a single CP, without expansion and without the low *FocusP* projection, but the cartographic perspective seems

¹ Conferência proferida no I SINCAR – Encontro sobre Sintaxe Cartográfica: Teoria e Experimentação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1º. de agosto de 2017.

² Universidade Estadual de Campinas. E-mail: mary.kato@gmail.com

to be more effective with regard to the *Focus* phenomenon in Brazilian Portuguese.

Keywords: Focus, Wh-questions; Brazilian Portuguese; diachrony; cartographic model

1. Introdução

Categorias como *Foco*, *Tópico* e *Força* foram inicialmente ignoradas nos modelos sintático-gerativistas, mesmo quando os chamados semântico-gerativistas propuseram, no final da década de sessenta, projeções dessa natureza na periferia sentencial à esquerda³. Essas categorias eram, quase sempre, tratadas como expressões que, movidas ou não, envolviam posições de adjunção à sentença (cf. Chomsky, 1977; Raposo, 1996 e.o.).

Mas a projeção FP na periferia de CP reaparece na década de 90 em estudos do romance ibérico, como o espanhol, o galego e o português, proposta essa de Uriagereka (1995), para quem a função semântica de F consiste em codificar formalmente o contato entre o nível de interface LF (Forma Lógica) e os sistemas pragmático e discursivo situados para além da LF.

Kato e Raposo (1996) adotam a projeção FocusP (antes FP) apenas para a checagem de Foco para o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB) e assumem que os focos identificacional e contrastivo e os elementos-wh são igualmente checados em Spec de F, sendo este, portanto, um núcleo sincrético⁴. Logo, o que ocorre com um ocorre com o outro, como se vê na comparação dos pares abaixo entre o PE e o PB. Em ambas as variedades o foco e o constituinte-wh se movem para a periferia à esquerda. No PE o verbo se move para o núcleo de F enquanto no PB ele permanece em T.

- | | | |
|-----|--|----|
| (1) | a. [Quantas mulheres] amou o João ? | PE |
| | b. [Muitas mulheres] amou o João | PE |
| (2) | a. [Quantas mulheres] o João amou? | PB |
| | b. [Muitas mulheres] o João amou | PB |

Quanto ao tópico *stricto sensu*⁵, temos diferentes posições até a década de noventa. Assim, para Raposo (1996), o DE (Deslocamento à Esquerda) é sempre um objeto sintático independente, isto é, gerado em adjunção à sentença. Mas ele faz uma divisão categorial, chamando de tópico apenas os sintagmas nominais referenciais (DPs). Cinque (1990) já distingue DE de deslocação clítica – CLLD (*Clitic Left Dislocation*), isto é, casos em que o elemento dentro da sentença – o resumptivo – é um elemento clítico ou uma categoria vazia e não um pronome forte ou epíteto⁶. De qualquer forma, o

3 Cf. Lakoff e Ross (1968).

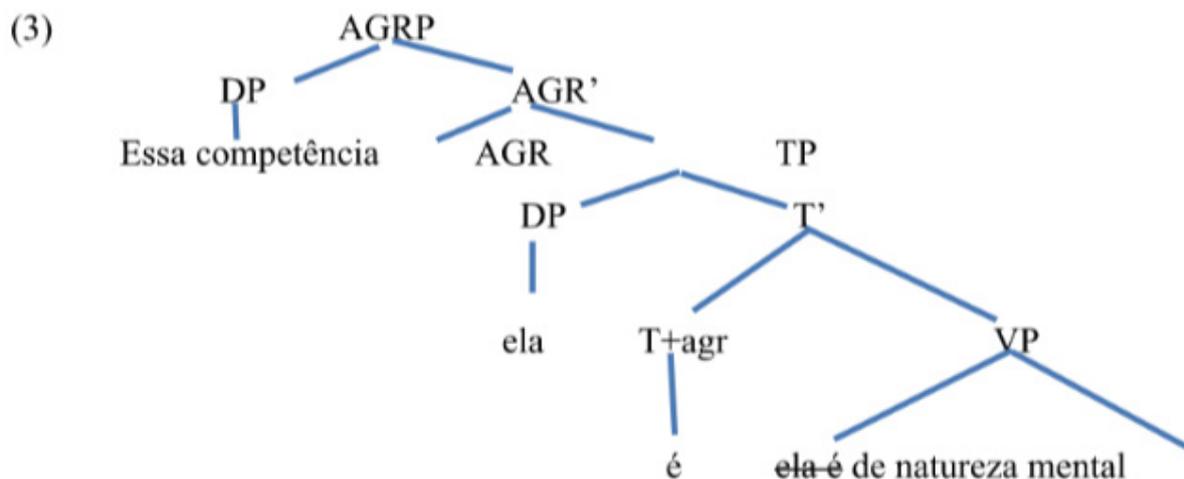
4 V. também Rizzi (1997) e Miotto (2004).

5 Faremos distinção entre o tópico *stricto sensu* e o tipo de tópico que se convencionou chamar de *tópico pendente*, com um núcleo regente que nada tem a ver com elementos que vêm de dentro da sentença (*Quanto ao João, eu vou estar com ele logo*). O tópico pendente é inquestionavelmente derivado como um objeto sintático independente.

6 O motivo para Cinque (1990) efetuar essa partição está no fato de que a CLLD manifesta efeitos de ilha, fato que não ocorre quando temos DE. Contudo, Raposo mostra que o fato tem a ver não com o resumptivo ser clítico, cv ou pronome forte, mas com a natureza categorial do tópico.

elemento-tópico na periferia à esquerda constitui, para os dois autores, uma categoria em adjunção a IP.

Com a hipótese do INFL cindido, em Pollock (1989), e usando AGRP como um núcleo clausal, Galves (1993) vê a possibilidade de haver a estrutura clausal de uma sentença com tópico como em (3) abaixo:



Já Kato (1998) propõe uma representação em que o tópico se move para a categoria ΣP , também acima de IP, nos moldes da posição do sujeito no PE, proposta em Martins (1996).

É apenas com Rizzi (1997) que o Tópico aparece como duas projeções⁷ independentes possíveis na periferia à esquerda de TP, uma acima e outra abaixo de FocusP, e ainda precedida acima por ForceP (projeção ligada a Atos de Fala).⁸

(4) [_{ForceP...} [_{TopP} ... [_{FocP} ... [_{TopP...} [_{TP} (RIZZI, 1997)

No PB pouco se tem ouvido falar sobre essa projeção ForceP, justamente porque nele a sua manifestação é basicamente prosódica e não morfológica, como é o caso de línguas que dispõem de partículas como o japonês. Segundo Kato (2013a), as perguntas no japonês terminam com as partículas *-ka/no* acrescidas de uma prosódia ascendente, aqui representada por \uparrow . No PB, o que não ouvimos é essa partícula que aqui chamamos de Operador mudo Σ_i para o português⁹. Seguindo Kayne (1994), as línguas de núcleo final começam a derivação como núcleo inicial. Logo, a partícula interrogativa *-ka* do japonês aparece no núcleo de *ForceP* no início da derivação. A sentença interrogativa se move inteira para o *Spec de Force* e o seu *output* recebe a prosódia ascendente¹⁰.

7 Rizzi (1997) diz que as línguas não limitam tópicos a apenas dois, podendo haver o fenômeno da recursão.

8 O autor acrescenta [FiniteP] entre o TopP baixo e o TP, mas não trataremos dessa projeção neste trabalho.

9 Vide detalhes sobre outras línguas em Rizzi (2001).

10 A análise aqui segue a proposta de Kayne (1994).

(5) *Kimi-wa kare-wo mita-ka?* ↑

você-top ele-acus viu-ka

(5)' a. [_{ForceP}[ka [_{TP}Kimi_{top} kare_{acc} mita]]]⇒b. [_{ForceP}[[_{TP}Kimi_{top} kare_{acc} mita] ka [_{TP}~~Kimi_{top}~~ ~~kare_{acc}~~ ~~mita~~]]]

PF : [*Kimi-wa kare-wo mita-ka*]↑

A derivação da sentença interrogativa no PB é paralela àquela da interrogativa no japonês, exceto que, em lugar da partícula *ka*, propomos um operador mudo [Σ_I].

(6) Você viu ele?↑

(6)' a. [_{ForceP} [Σ_I [Você viu ele]]]⇒b. [_{ForceP} [[_{TP} Você viu ele] Σ_I [_{TP⇒} ~~Você viu ele~~]]]

PF: [Você viu ele Σ_I] ↑

O modelo de Rizzi, que havia desenvolvido apenas as projeções na periferia sentencial à esquerda, passa a ser complementado em Belletti (2004), com um tipo de expansão similar, porém no interior da sentença, mais especificamente na periferia do vP.

(7) [_{CP} [_{TP} [_{TopP} ... [_{FocP} ... [_{TopP} ... [_{vP} [_{VP}]]]]]]] (BELLETTI 2004)

O conjunto dos estudos de Rizzi e de Belletti, como sabemos, é acrescido de expansões nos núcleos nominal e verbal por Cinque (1994, 1999) e outros. A estrutura sintática assim enriquecida passou a ser chamada de Perspectiva Cartográfica da estrutura sintática ¹¹.

O presente trabalho é uma revisita aos estudos diacrônicos de Kato e de Kato e colaboradores sobre o PB no que diz respeito às estruturas de Foco, mostrando que antes do século XVIII o português fazia uso da projeção alta do FocusP, na periferia da sentença, e que a grande mudança estrutural relativamente a Foco tem a ver com a desativação desse Focus alto e a ativação nas perguntas-*wh* do FocusP da periferia do vP e seu efeito na posição do Foco no PB moderno.

O objetivo final do trabalho é mostrar que um modelo que não contrasta locais designados para Foco na periferia sentencial e na periferia do vP pode não tornar tão claras as mudanças operadas diacronicamente no PB.

O trabalho está organizado da seguinte maneira. A Seção 2 revê o parâmetro do movimento-*wh* de Huang (1982), pois o PB parece ser uma língua que admite os dois valores paramétricos: [+movimento-*wh*] e [-movimento-*wh*]. A Seção 3 analisa o Português Antigo (PA), o Português Clássico (PCL) e o Português Europeu (PE), como línguas com propriedades de língua V2, período em que se introduz o padrão clivado *Wh-é que*. A Seção 4 analisa a mudança na estrutura de clivagem nas estruturas de

11 Para uma boa revisão do desenvolvimento do Modelo Cartográfico no italiano, vide Cinque e Salvi (2001).

Foco, de clivagem inversa para clivagem canônica. As Seções 5 e 6 mostram as análises das formas mais inovadoras (é Wh-que SV; Wh-que-SV; *WhSV*) defendidas em Kato (2014, 2015). No final, concluiremos que o modelo cartográfico ajuda a compreender a grande e única mudança estrutural que operou na sintaxe do PB e que as demais variações superficiais derivam de fenômenos em PF.

2. O parâmetro do movimento-*wh*¹²

O modelo de Princípios e Parâmetros, que incluiu na agenda gerativista a previsão da variação sintática intralinguística, trouxe no estudo de Huang (1982) a possibilidade de as línguas naturais exibirem um valor positivo para o movimento-*wh* ou um valor negativo. Por exemplo, o inglês teria o valor positivo e o japonês o valor negativo:

(8) a. *Where do the children sleep?*

b. *Kodomo-tati-wa doko-de neru-no?*

criança-pl-top onde-em dormir-

Kato (2013a) verifica um fato interessante no PB. Ela apresenta dois tipos de *wh-in situ*, um com a curva prosódica ascendente, como na pergunta *sim-não*, o outro com a curva descendente, como na declarativa. A autora verifica que a pergunta com a curva ascendente é uma *pergunta-eco* e que a pergunta com a curva descendente é uma *pergunta genuína*. No inglês, por outro lado, só é possível a curva ascendente, com a interpretação-eco, e a pergunta genuína só é possível com o movimento-*wh*.¹³

(9) a. As crianças dormem onde?↑↑ (pergunta-eco)

b. As crianças dormem onde?↓↓ (pergunta genuína)

O francês é uma língua que se parece com o PB quanto a apresentar uma pergunta genuína com e sem movimento:

(10) a. *Qui (est-ce que) Marie a aimait?*

b. *Marie a aimait qui?*

A diferença é que o francês tem apenas um tipo de entoação, que é ascendente, tanto para a pergunta-eco quanto para a pergunta genuína. Para Cheng e Roorick (2000), isso se deve ao mesmo morfema Q presente nos dois tipos de pergunta, o que, no caso da pergunta-*wh*, evita que ocorra movimento-*wh*. Mas Kato (2013a) mostra que esta não pode ser a explicação para o PB, que não apresenta a mesma entoação para a pergunta *sim-não* e a pergunta genuína *in situ*. Além disso, outras restrições

¹² Esta Seção se baseia em Kato (2013a).

¹³ Cf. Mito (2004) para ver o tratamento dado aos dois tipos de WH, com e sem movimento, usando o critério-WH, mas sem distinguir os dois tipos de *wh-in-situ*.

encontradas nas perguntas-*in situ* do francês não são vistas nas perguntas-*in situ* genuínas do PB, como a sua não ocorrência em ilhas ou na negação:

(11) a. **Marie aime le livre que qui a écrit?*

b. Maria gosta do livro que **quem** escreveu?

(12) a. **Jean ne mange pas quoi?*

b. O João não come **o quê?**

A análise proposta em Kato (2013a) para o PB é a que adotamos aqui:¹⁴

i) A pergunta genuína com aspecto de *wh-in situ* é um falso *in situ*. O elemento-*wh* sofre um movimento **curto** para a periferia baixa proposta por Belletti (2004), na posição FocP na periferia do vP, onde tem seus traços checados. A ocupação do FocP na borda do vP resulta na entoação descendente.

ii) A pergunta-eco é a real construção *in situ*, e a entoação resulta do operador mudo Σ , das perguntas *sim/não*.

Um fato que corrobora a análise de Kato (2013a) é que o Foco contrastivo pode também aparecer na mesma posição, isto é, na periferia baixa de Belletti (2004):

(13) a. As crianças dormem AQUI, não no andar de cima

b. Eu acabei dando o perfume [PRO MEU PAI] e não pra minha mãe

A construção *wh-in situ*, como pergunta genuína, entra na gramática do PB no século XVIII, depois das construções partilhadas até então com o PE, a saber, as perguntas-*WhVS* e *Wh é que*. Na Seção seguinte tentaremos analisar qual era a natureza da gramática anterior às perguntas-*in situ* falsas.

3. O português na fase V2¹⁵

O Português Antigo (PA) e Clássico (PCL) são conhecidos como tendo sido línguas do tipo V2 (RIBEIRO 1995 *i.a.*). Segundo Kato e Raposo (1996), a ordem XVS (=V2) em (14) resultaria, nessa época, do movimento do objeto para a projeção FocusP na periferia da sentença raiz, com o sujeito permanecendo em vP. A operação *Agree* estabeleceria a concordância entre o verbo e o sujeito. O foco pode ser também um elemento-*wh* como em (14b).

(14) a. MUITAS MULHERES amou o Pedro. PA PCL PE

¹⁴ Vide Ambar (2003) sobre os fatos do PE e, em especial, a análise do *wh-in situ*.

¹⁵ Vide uma descrição diacrônica geral das interrogativas-*wh* no PB em Kato (2013b) e uma descrição detalhada das clivadas na Fase V2 em Kato e Ribeiro (2009).

b. A QUEM amavam as crianças? PA PCL PE

(14)'a. $[_{FP} [MUITAS MULHERES]_i [F [_{TP} amou_V [_{VP} o Pedro[_{VP} t_V t_i]]]]]$

b. $[_{FP} [A QUEM]_i]_i [F [_{TP} amavam_V [_{VP} as crianças[_{VP} t_V t_i]]]]]$

Ainda na fase V2, no século XV, começam a surgir as clivadas inversas declarativas do tipo (15), mas as perguntas-*wh* clivadas só aparecem no século XVII¹⁶:

(15) a. *A DEMANDA DO SANTO GRAAL é que, em tam mostrará a estes homees.* (DS GRAAL, XV)

b. *E QUANDO é que são Relativos?* (ARGOTE, XVII)

No estudo sobre as interrogativas-*wh* de Lopes-Rossi (1996), a autora encontra a seguinte progressão¹⁷:

PA (XIV) a PCL (XVIII)	WhVS				
PE e PB (XVIII a XX)	Wh VS	Wh-é que VS/SV	Wh- <i>in situ</i>		
PB (XVIII a XX)	%Wh VS	Wh-é que SV	Wh- <i>in situ</i>	Wh-que SV	Wh-SV

Tabela 1: Adaptada de Lopes-Rossi (1996).

Em Kato (2015), a autora analisa a entrada da clivagem inversa (*Wh-é que*) como uma etapa de gramaticalização, já que a cópula pode ser analisada como em posição V2. O que ocorre, nessa fase, é que em lugar de qualquer verbo temático, apenas a cópula passa a ocorrer como V2. Os verbos temáticos ocorrem no interior da sentença complemento da cópula e a ordem aí é indiferente.

(16) a. **O que** comprou a Maria?

b. **O que** é que a Maria comprou?

(16)'a. $[_{ForceP} \Sigma / [_{FocP} \text{ o que } [comprou [_{TP} comprou [_{VP} a Maria [_{VP} comprou-que]]]]]$

b. $[_{ForceP} \Sigma / [_{FocP} \text{ o que } [é [_{TP} \acute{e} [_{VP} \acute{e} [_{CP} \text{ que } [a Maria comprou \text{ o-que}]]]]]]$

16 Não trataremos das clivadas-*wh* nesse trabalho, que são de pouca expressão no PB. Para um tratamento detalhado no PE, veja Lopes-Rossi (1996).

17 Acrescentei o símbolo % para a ocorrência residual.

Logo, (16a) e (16b) fazem parte da mesma gramática e não constituem um tipo de competição de gramáticas, no sentido de Kroch (1994), pois suas numerações são distintas.

4. A entrada da clivagem canônica ¹⁸

Estudando os padrões de clivagem na diacronia do português, Kato e Ribeiro (2009) e Kato (2013b) constataam que no Português Antigo ocorria a clivagem inversa, com a cópula em posição depois do Foco, seja do tipo da pseudoclivada, seja da clivada-é *que*.

(17) a. **ELE he** o que tempera a sanha. (DSG, XIV)¹⁹

b. E **ASSI foy** que a molher houve de morrer. (FLOS, XIV)²⁰

Mas Kato e Ribeiro (2009) verificam que, no século XVIII, tanto a pseudoclivada quanto a clivada começam a aparecer com a cópula em posição inicial e o foco em posição pós-cópula, iniciando o ciclo da clivagem canônica.

(18) a. **Foi VOSSA EMINÊNCIA quem** julgou que eu era digna de expor. (ALORNA, XVIII)²¹

b. **É O REI LEGÍTIMO que** devemos opor ao usurpador. (ALORNA, XVIII)

Já a clivada canônica com o elemento-*wh* é pouco ouvida no PE, mas já é possível de ser ouvida no PB, principalmente em diálogos com criança²²:

(19) a. **É QUEM que** tá tocano o violão? (Luana, 02; 03. 22)

b. **É QUE que** tá gravano? (Luana, 02; 03. 22)

c. **É o que que** cê qué fia? (manhês)

d. **É quem que** tá tomano banho? (manhês)

Em Kato (2014), a proposta de derivação da clivada canônica é que o elemento-*wh* não sofre um movimento longo como a clivada inversa, mas tem um movimento curto em relação à sentença complemento, pousando na periferia de seu vP.

(20) **É O QUE que** a Maria comprou?

18 Para esta Seção, vide principalmente Kato (2014) e trabalhos posteriores.

19 DSG. In: Mattos e Silva, R.V. 1971. A mais antiga versão portuguesa dos *Quatro livros dos diálogos de São Gregório*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

20 FLOS. In: Machado Filho, A.V.L. 2003.

21 Alorna, Marquesa de. 1941. *Inéditos – Cartas e Outros Escritos. Selecção, prefácio e notas do prof. Hernâni Cidade*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

22 Cf. Lessa (2003).

(20)' [_{ForceP2}Σ₁] [_{TP} (é) [_{FocP} **O QUE** [_{VP} é [_{CP} (**que**) [_{IP} a Maria comprou ~~o que~~]]]]

Logo, esse tipo de clivagem está na mesma gramática do *wh-in situ* ou da gramática que ativa o Foco baixo, na periferia de vP.

5. A perda da cópula na clivagem do PB

Os estudos clássicos das interrogativas-*wh* com e sem *que*, em exemplos como (21a) e (21b), vêm de propostas não cartográficas²³, que analisam o Complementizador podendo ser *que* ou nulo no PB em lugar de ter movimento do verbo.

(21) a. ONDE ∅ os meninos dormem?

b. ONDE **que** os meninos dormem?

Kato e Raposo (1996) propuseram que as mais recentes inovações de construções de Foco no PB, como nos exemplos (22), vieram do apagamento da cópula das construções clivadas focais inversas onde a projeção FocusP se encontrava na periferia sentencial, como nos exemplos (23).

(22) a. QUANDO **que** ele chega? (século XIX)

b. ONTEM **que** ele chegou. (século XIX)

(23) a. QUANDO (é) **que** ele chega? (desde o século XVIII)

b. ONTEM (**foi**) **que** ele chegou. (desde o século XVIII)

Mas Kato (2014) propôs, em vez disso, que as sentenças em (21) derivariam das clivadas canônicas, em (24), nas quais a cópula se encontrava em posição inicial. Embora a interrogativa seja mais difícil de encontrar, a declarativa é comum tanto na fala quanto na escrita.

(24) a. (É) QUANDO **que** ele chega? (desde o século XX)

b. (É/**foi**) ONTEM **que** ele chegou. (desde o século XIX)

São dois os motivos da mudança de análise: i) a cópula em (23b) não precisa obedecer ao *consecution temporum*; e ii) a **cópula em posição inicial** licencia seu apagamento em sentenças copulativas simples (Kato 2007), como se pode ver em (25a).²⁴

(25) a. (É) lindo o seu cabelo.

b. * O seu cabelo (é) lindo.

23 V. Miotto (1994) e Hornstein, Nunes e Grohmann (2005).

24 A solução de Kato e Raposo (1996) talvez seja melhor, pois a cópula das clivadas é especificacional e não predicacional. É um ponto que merece maior reflexão.

6. O aparecimento do padrão WH-SV

Duarte e Kato (2002) analisam o aparecimento da ordem WH-SV nas interrogativas do PB, relacionando o fenômeno com uma mudança similar à que sofreu o Francês Antigo, isto é, com uma mudança mais geral da perda do sujeito nulo. Segundo as autoras, essa mudança no PB afetou a flexão de concordância, que deixou de ser pronominal, característica que faria uma língua ter a propriedade de ter sujeitos nulos para ter sujeitos preenchidos retos livres, que satisfariam o EPP, ocupando, portanto, a posição Spec de T, dando origem à ordem *Wh-SV* nas interrogativas²⁵.

Mas em Kato (2014) a autora se coloca a seguinte questão: Se as formas inovadoras em (26) dispensam o Foco alto na periferia sentencial, seria só a forma inovadora *WH-SV* de (27) que ainda o exige?

(26) a. Você está tocando **o quê**?

b. É **o que** que você está tocando?

c. **O que** que você está tocando?

(27) **O que** você está tocando?

A Tabela 2, adaptada de Lopes-Rossi (1996), acrescida dos padrões com clivada canônica não percebidos por ela, faz crer que não, pois o padrão *WH-SV* é o último que aparece. E não fosse esse último padrão, desde o século XVIII o PB parece ter única e exclusivamente o FocusP na periferia do vP.

PA (XIV) a PCI (XVIII)	WhVS	Wh é que VS/ SV				
PE(XIX a XX)	WHVS	Wh é que SV	%wh-in situ			
PB (XX)	*WHVS	%Wh-é que SV	wh-in situ	É wh-que SV	(é) Wh que SV	WH (que) SV

Tabela 2: Adaptada de Lopes-Rossi (1996), tendo sido acrescida a clivada canônica.

Na Tabela 2, o padrão *WH-SV* aparece como *WH (que) SV*, sugerindo que esse padrão pode ter o Complementizador *que* apagado. É justamente esta a proposta vista em Kato e Ribeiro (2009) e em Kato (2014).

²⁵ O interessante é que a interrogativa do Espanhol Caribenho sofre mudança similar de *WH-VS* para *WH-SV*. E Ordoñez e Olarrea (2006) propõem a mesma análise de Duarte e Kato (2002), já que o espanhol caribenho também perdeu o seu sujeito nulo.

Kato (2015) teve essa intuição a partir de uma pista interessante em Duarte (1992) sobre os contextos em que o Complementizador mais se encontrava ausente. Duarte (1992) apontou para o fato de que, quando o constituinte interrogativo é um adjunto, o Complementizador *que* se encontra mais ausente:

(28) a. **De que que** os meninos riam? > (29) a. **De que** os meninos riam?

b. **Para que que** você quer isso? > b. **Para que** você quer isso?

c. **Por que que** eles pararam? > c. **Por que** eles pararam?

Kato (2015) recorre à regra estilística da haplogogia (evite **sílabas idênticas**) para explicar o fenômeno. Em outros contextos a autora recorre à analogia. Kato e Mito (2005) também dão uma justificativa estilística para dar conta das formas *WH-que-SV* e *WH-SV*, mas sua justificativa é a quantidade empírica entre fala e escrita. Os falantes espontaneamente usam o Complementizador quando falam, mas o eliminam quando escrevem. De qualquer forma, a variação tem a ver com PF e não com o sistema computacional, como vêm insistindo os gerativistas desde Chomsky e Lasnik (1977).

A variação encontrada no PB moderno e sua análise encontram semelhanças empíricas no francês de Quebec e na análise dele feita por Noonan (1989). Assim, as inovações no PB estudadas até aqui são as seguintes:

(29) a. (*É*) **onde** que você encontrou as laranjas?

b. **Onde** (que) você encontrou as laranjas?

c. **Onde** você encontrou as laranjas?

d. Você encontrou as laranjas **onde**?

(30) a. (*C'est*) **OÙ** que t'ás mis les oranges?

b. **Où** (que) t'ás mis les oranges?

c. **Où** t'ás mis les oranges?

d. Tu as mis les oranges **où**?

Noonan (1989) associa as construções (a), (b) e (c), mas não recorre ao Foco baixo de Belletti (2004) para justificar essa relação. Nossa análise atribui todas essas formas à ativação do foco baixo. O uso da clivagem com esse foco baixo é que vai derivar todas as demais formas através de processos de gramaticalização sucessivas.

7. Conclusão

Para finalizar, podemos resumir o desenvolvimento diacrônico do português desde a sua fase mais

antiga até o PB no século XX, na Tabela 3²⁶:

Foco alto na periferia sentencial		Foco baixo na periferia de vP			
V2	Clivada inversa	<i>Wh-in situ</i> falso	Clivada canônica		
<i>Wh-VS</i>	<i>Wh-é que SV</i>	SV <i>wh</i>	É <i>wh-que SV</i>	<i>Wh-que-SV</i>	<i>Wh-SV</i>
PA PCL PE	PE %PB XVIII	PB			

Tabela 3: O PB como língua de Foco baixo na periferia de vP.

O único caso de movimento longo de *wh-* no PB está na pergunta-*wh* clivada inversa, em uso mais na escrita, uma vez que a clivada na criança já é do tipo da clivada canônica.

Há casos aparentes de V2 no PB, já analisados em trabalhos anteriores, que aqui tratamos como casos de deslocamento à direita disfarçado, como em (31). Fora esses casos, podemos afirmar que não temos casos de V2, nem mesmo residuais.

(31) Onde (eles) dormem os meninos?

Uma alternativa à cartografia, e que procura acomodar categorias ou traços discursivos (δ) na representação sintática, pode ser vista em Miyagawa (2010). Partindo da concepção chomskiana atual (CHOMSKY, 2008) de que os traços- ϕ não vêm inseridos diretamente em T, mas nascem em C e percolam para T, Miyagawa (2010) propõe que os traços- δ (discursivos) também nascem em C e percolam para T conforme a língua. Nas chamadas línguas de proeminência de sujeito, os traços- ϕ percolam de C para T, como é o caso do inglês. Para as línguas de proeminência discursiva, ou de proeminência de tópico, como o japonês, são os traços- δ que percolam de C para T. Já no espanhol, o C pode ter traços- δ que percolam para T, caso em que a ordem é SV, com o sujeito como tópico sentencial, e pode ter apenas traços- ϕ percolados, quando a ordem é VS, caso em que o sujeito não é tópico.

(32) a. $C \delta \rightarrow T\delta$... (língua de proeminência discursiva- ex. japonês)

b. $C\phi \rightarrow T\phi$... (língua de proeminência de concordância - ex. inglês)

c. $C \phi, \delta \rightarrow T\phi, \delta$, (língua de proeminência discursiva e de concordância - ex. espanhol)

Miyagawa (2010) usa a terminologia de Kuroda (1972) para se referir a sentenças com sujeito-tópico (categóricas) e sentenças sem tópico (téticas) para exemplificar os resultados de percolação nessas três línguas:

(33) a. *John-wa tsuita* (sentença categórica)

26 Vide também Kato (no prelo).

John-top chegou

b. *John-ga tsuita* (sentença tética)

John- nom. chegou

(34) *John has arrived* (sentença categórica e tética)

(35) a. *Juan ha llegado* (sentença categórica: percolação- δ)

b. *Ha llegado Juan* (sentença tética: percolação- ϕ)

Miyagawa (2001) propõe para o *wh-in situ* do japonês um movimento curto *wh-* em adjunção ao T; logo, um falso *in situ* também, mas sem um lugar designado como na nossa proposta cartográfica.

Por fim, embora a abordagem de Miyagawa (2010) possa ser promissora no estudo do PB em relação a estruturas com tópico (cf. KATO & ORDOÑEZ 2017), a abordagem cartográfica foi a que nos pareceu mais explicativa no caso do Foco, pela proposta de uma periferia do vP, que dá conta dos movimentos focais curtos. A nossa proposta parece descritivamente mais interessante, pois ela postula uma mudança estrutural que ocorre de um lugar designado na periferia alta para um lugar designado na periferia baixa.

Referências

Ambar, M. (2003). *Wh-Asymmetries*. In: *UG and External Systems: Language, Brain and Computation*, ed. by Ana M. Di Sciullo, 209–249. Amsterdam: John Benjamins.

Belletti, A. (2004). Aspects of the low IP area. In *The Structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structures*, ed. by Luigi Rizzi, 16-51. New York: OUP.

Cheng, L. & Rooryck, J. (2000). Licensing *wh-in-situ*. *Syntax*, 3,1:1-19.

Chomsky, N. (2008). On phases. In: *Foundational Issues in Linguistic theory: Essays in honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, Mass. The MIT Press.

_____ (1977). On Wh-movement. In: P. W Cullicover, T. Wasow & Adrian Akmajian (orgs) *Formal Syntax*. New York: Acaemic Press.

Chomsky, N. & Lasnik, H. (1977) Filters and Control. *Linguistic Inquiry*, 8:425-504.

Cinque, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press.

_____ (1994). On the evidence for partial N-movement in Romance DPs. In: G. Cinque, J. Koster, J-Y Pollock, L. Rizzi and R. Zanuttini (orgs) *Paths towards Universal Grammar: Studies in Honor of Richard Kayne*, 85-110. Washington, DC: Georgetown University Press.

_____ (1990). *Types of A'-dependencies*. Cambridge, Mass: The MIT Press.

Cinque, G. & G.P. Salvi (orgs) (2001) *Current Studies in Italian Syntax. Essays Offered to Lornzo Renzi*. North Holland: Elsevier.

Duarte, M. E. & Kato, M. A. (2002). A Diachronic Analysis of Brazilian Portuguese Wh-Questions. *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. VI, 326- 39. University of California at Santa Barbara, Center for Portuguese Studies.

Galves, C. (1993). O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In I. Roberts e M. A. Kato (orgs) *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Hornstein, N., Nunes, J. & Grohmann, K. (2005). *Understanding Minimalism*. Cambridge, Mass: Cambridge University Press.

Huang, C.T.J. (1982). *Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar*. MIT: PhD Dissertation.

_____ (1998). Tópicos como alçamento de predicados secundários. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 34.67-76.

_____ (2007). Topicalization in European and Brazilian Portuguese. *Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL 213-226)*. Amsterdam: John Benjamins.

_____ (2007). Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA, 23 (Especial): Homenagem a Lucia Lobato*, 85-111.

_____ (2013). Deriving wh-in-situ through movement. In *Victoria Camacho-Taboada, Angel Gimenez-Fernancez, Javier Martin-Gonzales e Mariano Reyes-Tejedor* (orgs) *Information Structure and Agreement* 175-191. John Benjamins.

_____ (2013). WH-movement in the history of Brazilian Portuguese. *STiL – Vol15. 59-76* Versão eletrônica: pp. 5-59 http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/ (versão papel).

_____ (2014). Focus and WH-questions in Brazilian Portuguese. In: Nathalie Dion, André Lapierre and Rena Torres Cacoullos (orgs). *Linguistic variation: confronting fact and theory*. 111-130. New York/London Routledge.

_____ (2014). Focus and WH-questions in Brazilian Portuguese. In: Nathalie Dion, André Lapierre and Rena Torres Cacoullos (orgs). *Linguistic variation: confronting fact and theory*. 111-130. New York/London Routledge.

_____ (2015). Variation in syntax: two case studies on BP. In: A. Adli, M. Garcia-Garcia, G. Kaufmann (orgs) *Variation in Languages: system and usage-based approaches*. 91-110. Berlin: De Gruyter.

Kato, M. A. (no prelo). O Português Brasileiro, uma língua de movimento-*wh* opcional? In: A. Tescari. S. Quarezemin e P. Pereira (orgs.) *A Sintaxe do PB e o Programa Cartografico*. Campinas, Pontes.

Kato, M. A. & Mioto, C. (2005). A multi-evidence study of European and Brazilian wh-questions. In Stephan Kepser & Marga Reis *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*, 307-328. Berlin & New York: Mouton De Gruyter.

Kato, M. A. & Raposo, E. (1996). European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In C. Parodi, A. C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (orgs) *Aspects of Romance Linguistics*. 267-278 Washington: Georgetown U. Press.

Kato, M. A. & Ribeiro, I. (2009). Cleft sentences from old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: A. Dufter & D. Jacob (orgs). *Focus and Background in Romance Languages*. 123-154. John Benjamins.

Kayne, R. (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press.

Lakoff, G. & Ross, J. R. (1968). Is deep structure necessary? *Indiana Linguistics Club*.

Lopes-Rossi, M. A. (1996). *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. UNICAMP: PhD Dissertation.

Lessa de Oliveira, A. (2003). Aquisição de constituintes-Qu em dois dialetos do Português Brasileiro. UNICAMP: Tese de Mestrado.

Mioto, C. (1994) As interrogativas no Português Brasileiro e o cri'rio-WH. *Letras de Hoje*, v.29, n. 2. 19-33

Miyagawa, S. (2010). *Why agree? Why move?* Cambridge, Mass: The MIT Press.

_____ (2001). The EPP, Scrambling, and *wh-in-situ*. In K. Hale e M. Kenstowicz (orgs) *A Life in Language*. 293-338. Cambridge, Mass: MIT Press.

- Noonan, M. (1989). Operator licensing and the case of French interrogatives. In: *Proceedings of the 8th West Coast conference on Formal Linguistics*. 315-330. University of British Columbia. Stanford Linguistics Association.
- Ordoñez, F. & Olarrea, A. (2006). Microvariation in Caribbean/non Caribbean Spanish. *Probus*, Volume 18.3. 59-97.
- Pollock, J-Y. (1989). Verb-movement, UG and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.
- Raposo, E. (1996). Towards a unification of topic constructions. In.: A. Schwegler, B. Tranel & M. Uribe-Etxebarria (orgs) *Romance Linguistics: theoretical perspectives*, Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins. 197-212.
- Ribeiro, I. (1995). Evidence for a verb-second phase in Old Portuguese. In *Clause Structure and language Change*. A. Battye & I. Roberts (orgs). 110-139. Oxford University Press, New York.
- Rizzi, L. (1997). The fine structure of the left periphery. In: L. Haegeman (org.) *Elements of Grammar*. 281-338. Dordrecht: Kluwer.
- Rizzi, L. (2001) On the Position Int(errogative) in the Left Periphery of the Clause. In G. Cinque & G.P. Salvi (orgs).
- Uriagereka, J. (1995). An F position in Western Romance. In: Karalín É. Kiss (org.) *Discourse Configurational Languages*. 153-175. New York/Oxford: Oxford University Press.